

JOÃO MANUEL DUQUE

*Aproximando-se
de
Fátima,*

100 ANOS DE FÉ



Introdução

*“Aproximar é a essência da proximidade.
A proximidade aproxima a distância, enquanto distância.”*

(Martin Heidegger)¹

Celebra-se em 2017 o primeiro centenário das aparições ou manifestações da Virgem Maria em Fátima, precedidas de várias manifestações de um Anjo, segundo o relato de três crianças pastoras. Nesses acontecimentos foi comunicada a esses três pastorinhos² uma mensagem muito própria, que, entretanto, se tornou conhecida como “Mensagem de Fátima”. Embora incluía elementos reservados, que se tornaram conhecidos como “segredos de Fátima”, não se trata, contudo, de uma mensagem secreta, mas de elementos fundamentais da mensagem evangélica, aplicados ao contexto local e temporal. Por outro lado, esse conteúdo comunicativo é apenas uma parte do conjunto do fenômeno Fátima, que é muito mais vasto.

Antes de tudo, ele inclui o próprio acontecimento das aparições e do impacto que teve sobre a vida das três crianças e dos

¹ Martin Heidegger, *Vorträge und Aufsätze*, Pfullingen, 1954, p. 176; cf. Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, GA 12, Frankfurt a. M. 1985, p. 211.

² Nome que em Portugal genericamente conota os três videntes de Fátima, sem necessitar de mais explicação.

seus próximos. Os eventos estranhos e as suas configurações são significativos, por si só, e constituem um elemento importante na futura configuração do que aconteceu em Fátima e no seu significado profundo.

Mas o que aconteceu posteriormente em Fátima, ao longo dos últimos cem anos, não é menos importante e não pode ser separado do significado global do fenómeno. Por isso, Fátima, sem deixar de ser, antes de tudo, um lugar de aparição de Maria – de uma mariofania, portanto – e um lugar em que é comunicada uma mensagem evangélica ao mundo, através dos pastorinhos, inclui também um espaço e um tempo significativos, cuja história contribuiu para o que poderíamos denominar, genericamente, de fenómeno Fátima. Esse fenómeno possui um forte impacto não só em Portugal, mas também no resto do mundo, em dimensões especificamente religiosas (ou “espirituais”, no sentido mais genérico que hoje se lhe atribui), e também em muitas outras dimensões: social, política, artística, económica etc.

Nos próximos capítulos, serão apresentados alguns núcleos essenciais da dimensão religiosa (também considerada espiritual ou mesmo teológica) desse acontecimento, que possui cada vez mais significado na vida de muitos dos nossos contemporâneos. Não serão apresentados dados exaustivos, nem sequer pormenorizados, sobre o que aconteceu ou sobre as suas diversas interpretações. Vou limitar-me a escolher um percurso, seleccionando o que me parece ser mais importante

– sendo essa seleção inevitavelmente subjetiva, pois inúmeros outros elementos poderiam ser escolhidos.

E como o ponto de partida é o acontecimento Fátima, no conjunto das suas facetas, mais do que simplesmente a Mensagem, proponho que a nossa introdução comece do mesmo modo como começou a experiência dos três pastorinhos. Crianças normais, sem dotes nem expectativas estranhas, sem especial preparação espiritual, são surpreendidas pelo que lhes acontece, que além do mais era pouco provável ou imprevisível. Dessa surpresa resulta uma penetração progressiva num ambiente e numa experiência de vida que permite algo único e que exige uma missão.

Sugiro, por isso, que tomemos como aproximação a Fátima o caso do turista que se aproxima do local, com alguma curiosidade, sim, mas sem especial envolvimento. É claro que, depois de Fátima ter-se tornado mundialmente conhecida, não é possível conseguir essa “inocência” plena. Mas certo exercício ascético, colocando entre parêntese legítimas devoções e justificados entusiasmos prévios, pode ajudar a estabelecer uma relação com o que acontece em Fátima. A primeira parte, como pórtico de entrada, pretende, pois, ajudar-nos a observar as diversas facetas dos acontecimentos, os de há cem anos e os de hoje, e os seus possíveis significados.

Depois de passado esse pórtico e já no interior do espaço e dos respetivos elementos, proponho uma síntese dos conteúdos teológicos da mensagem de Fátima, não simplesmente a

partir de conteúdos comunicados explicitamente pelo Anjo ou por Maria, mas também a partir dos próprios acontecimentos. Porque, segundo a tradição bíblica, a “revelação” realiza-se, antes de tudo, através de eventos históricos reais, que podem ser esclarecidos por palavras sobre esses acontecimentos, mas que não se reduzem a essas palavras, nem aos sentimentos de sujeitos individuais.

Por último, se é certo que a dimensão mística e contemplativa é um elemento muito importante em Fátima – como foi para os pastorinhos, já na ocasião, e sobretudo para Lúcia, ao longo de toda a vida – não é menos importante a orientação de toda a sua missão para a vida do mundo, em muitos dos seus aspectos. Assim, não se trata de convite à conversão a um estado estático de experiência contemplativa, mas de um processo em que a experiência mística de aproximação à dimensão do “sagrado” – nas manifestações, mas também na experiência do santuário – convoca a um envio profético para o meio dos problemas do mundo e para o compromisso na denúncia e na procura de soluções. Nesta última parte serão explorados não apenas os elementos da mensagem que exigem essa orientação, mas também algumas realizações concretas que têm colocado Fátima em estreita relação com o que acontece no mundo.

Antes de iniciar a nossa viagem, convém salientar que se trata de uma “aproximação”. Em primeiro lugar, porque Fátima implica um lugar e, nesse sentido, é necessário criar certa proximidade com o mesmo – ainda que as aproximações

possam ser muito diversificadas, consoante o perfil do peregrino que se aproxima. Um devoto de Fátima que ainda não experimentou o lugar não viveu ainda algo essencial. As linhas que se seguem são, pois, um convite a essa aproximação, também espacial, embora implique mais do que isso.

Por outro lado, uma aproximação é sempre relativa. Fátima é um fenômeno que interpela qualquer humano que com ele contate. E interpela também o pesquisador, teólogo ou não. Nessa interpelação vem o convite à reflexão. Mas, ao mesmo tempo, vem o alerta para o fato de que nenhuma reflexão poderá esgotar o fenômeno. Fátima é sempre mais rica e mais vasta do que qualquer análise possa sobre ela discorrer. Estou plenamente consciente disso e essa consciência é tanto mais viva quanto mais me tenho aproximado de Fátima. Mesmo quando é necessário assumir posições críticas, essa crítica surge no interior do respeito por algo que é muito mais profundo – mesmo do ponto de vista antropológico e social – do que aquilo que as análises possam concluir.

É também nesse mesmo sentido que a aproximação aqui proposta não pretende ser nem exaustiva nem propriamente oficial. Outros assuntos poderiam ser considerados mais prioritários, mesmo pelas autoridades do próprio santuário. Por outro lado, algumas das reflexões aqui apresentadas, desenvolvidas a partir do acontecimento de Fátima, foram anteriormente por mim desenvolvidas, precisamente no contexto dos congressos e simpósios organizados pelo santuário, e nos quais

tenho participado frequentemente, pelo fato de serem organizados em parceria com a Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. Não pretendo, de modo nenhum, que este pequeno livro constitua qualquer contributo significativo para a já notável investigação sobre Fátima, pois nada trará de novo.³ O seu perfil procura, antes, explorar as ressonâncias ou os harmônicos do acontecimento de Fátima em alguns temas maiores da tradição teológica – ou vice-versa: a ressonância desses temas nos acontecimentos e na linguagem de Fátima.

A única eventual “autoridade” destas minhas abordagens poderia advir-lhe desse enquadramento, que culminou no fato de ter assumido, a convite do santuário, a presidência da Comissão Organizadora e da Comissão Científica do Congresso Internacional do Centenário de Fátima. Mas essa tarefa, que certamente muito me honra, em nada invalida que este meu contributo seja completamente livre e, por isso, perfeitamente sujeito a debate e mesmo a eventual contestação.

Postas estas considerações prévias, penso que poderemos iniciar calmamente a nossa visita que, para ser mais significativa, deverá ser nos dias 12 e 13 de maio – seja de que ano for.

³ No final, indicam-se algumas obras representativas dessa investigação. Ao longo do texto, serão citados pequenos extratos das Memórias da Ir. Lúcia, com a respectiva indicação.

Os lugares

Fátima é nome de mulher, de origem árabe, ainda hoje frequentemente usado no português. Mas é também nome de um lugar – segundo a lenda, por ligação a uma princesa árabe convertida ao cristianismo. Trata-se de uma freguesia de Ourém, no distrito de Santarém, pouco mais do que uma centena de quilômetros ao norte de Lisboa. Foi esse lugar que tornou o nome conhecido em todo o mundo – em alguns casos mais conhecido do que o próprio nome de Portugal. E foi um conjunto de acontecimentos ou experiências religiosas concretas que tornou esse local conhecido, transformando-o em pouco tempo numa cidade de cerca de 12 mil habitantes, com vários milhões de visitantes por ano. Precisamente, a região da atual cidade de Fátima era um lugar sem nada nem ninguém há cem anos – uma espécie de não lugar, pois sem qualquer significado humano especial.

A Cova da Iria, como lugar da freguesia de Fátima, era terra de pastagem e de alguma produção agrícola, em plena Serra de Aire. Com essas características, era idêntica a milhares de outros lugares. Por isso, o significado único desse lugar está inevitavelmente ligado às experiências aí vividas.

Não se deve à sua especial localização: não é o cimo de um monte, como é habitual, mas precisamente uma cova; não é um lugar de encontro de pessoas, mas um local isolado; não é um lugar especialmente deslumbrante pela paisagem ou pela vegetação, mas relativamente árido. É, pois, um lugar pouco provável que nele aconteça algo extraordinário. De certo modo podemos dizer que a atual Fátima surgiu do nada, a partir exclusivamente de vários acontecimentos epifânicos especiais. Trata-se, portanto e precisamente pela sua banalidade anterior, de um lugar especial desde a sua origem como acontecimento, bebendo aí o seu significado mais profundo. Como veremos quando lá chegarmos, até a própria vida cotidiana da cidade é marcada por essa origem estranha, traço de um excesso singular em relação ao cotidiano dos lugares banais que habitamos.

Mas vamos com calma e comecemos mesmo antes de chegar lá. Se nos aproximarmos de carro, sobretudo se for perto do dia 12 de maio e se evitarmos a autoestrada, escolhendo a estrada nacional ou vias secundárias, estranharemos certamente o número elevado de pessoas que caminham, a pé, pelas bermas, em grupos, com um destino certo. Qualquer turista que pergunte pelo destino deles, receberá a resposta óbvia, em rostos de surpresa pelo desconhecimento: “Vamos a pé a Fátima!”.

Ir a pé a Fátima tornou-se um hábito quase anual de muitos portugueses, nomeadamente jovens, que durante alguns dias se tornam peregrinos. As últimas décadas conheceram um

notável aumento da prática da peregrinação, que na Península Ibérica se tem concentrado sobretudo nos caminhos de Santiago. Numa mistura sincrética de motivações cristãs com motivações ecológicas e espirituais – em sentido muito genérico, próximo ao ambiente *New Age* –, os europeus contemporâneos entusiasmam-se cada vez mais com o que possa significar a experiência de uma peregrinação.

No caso português, Fátima tornou-se numa espécie de destino alternativo ao caminho de Santiago, embora não o substitua completamente nem se tenham constituído propriamente caminhos de Fátima, à semelhança do secular percurso de peregrinação europeia. Mas são mais os portugueses que vão a pé a Fátima do que os que vão a Santiago. Independentemente da devoção direta a Maria ou mesmo aos pastorinhos, essa caminhada constitui uma devoção por si mesma e, para alguns grupos, a grande experiência propriamente dita.

De fato, a peregrinação a pé estabelece uma relação específica com o espaço, por relação a um lugar. Quando um lugar se transforma em meta de peregrinação, os caminhos que a ele conduzem passam a fazer parte dele. Por isso Fátima já não é apenas o lugar onde hoje se ergue uma cidade, no coração da qual se levanta um santuário. Ela é o conjunto dos caminhos que lá conduzem e as milhares de pessoas que os percorrem a pé, não apenas para lá chegarem – pois podiam ir com qualquer meio de transporte –, mas precisamente para